

Apresentação

Um galo sozinho instaura uma (nova) manhã?

*Ev'Angela Batista R. de Barros*¹

Início esta “Apresentação” ressaltando a grande alegria que é poder trazer à luz mais um volume da **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, o qual congrega trabalhos de grande riqueza temática, epistemológica e metodológica. Os textos aqui reunidos nos convidam ao diálogo, à discussão e à reflexão – esta é, sem dúvida, uma das características peculiares da **Revista do ICH** e seu escopo inerentemente interdisciplinar – propiciar aos alunos da graduação e da pós-graduação e também a docentes de diferentes áreas do saber um espaço de profícuo diálogo e divulgação de suas pesquisas e trabalhos, bem como de aprendizagens várias com a “interlocução” com o saber do outro.

Pensando exatamente no amplo leque de áreas em diálogo, com interfaces e idiosincrasias, e de reflexões a que somos incitados por meio dessas leituras, vale recordar conhecido poema de ilustre poeta brasileiro contemporâneo. Trata-se de João Cabral de Melo Neto e seu poema “Tecendo a Manhã”²

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo

¹ Professora do Departamento de Letras da PUC Minas. Coordenadora Adjunta do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros (CESPUC). Editora da Revista do ICH. Coordenadora de Gestão de Processos Educacionais do PIBID PUC Minas.

² In: A educação pela pedra, 1965.

(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si : luz balão.

Com a bela metáfora construída por João Cabral de Melo Neto, poeta de reconhecida estirpe, mas cuja obra prima pela simplicidade estrutural para dar vazão a elaboradas redes de relações e sentidos, retomo a discussão iniciada na Apresentação da Revista do Instituto de Ciências Humanas do volume precedente. Advogava-se, no mencionado texto, quão desafiante – e na mesma proporção quão necessária – é a demanda contemporânea de nos voltarmos a um pensamento mais globalizante e a práticas mais integradas / integradoras de trabalho, seja no âmbito da nossa atuação docente, seja no âmbito da vivência cidadã, em convívio marcado pela alteridade e a multiculturalidade tão demandados na sociedade brasileira contemporânea.

Como assinalado alhures, o fato de ser notadamente constituída pela pluralidade e interdisciplinaridade confere à **Revista do ICH** a possibilidade de abordar uma gama de relevantes temas, atuais, pertinentes a uma formação pessoal e profissional no âmbito das humanidades (afinal, aspecto maior a unir os cursos do ICH), bem como facultando aos leitores possibilidades efetivas de aprimorar-se no âmbito das práticas acadêmicas (ensino, pesquisa, extensão) ou das práticas cidadãs, como indivíduo contextualizado, situado numa sociedade específica – a brasileira –, na época atual. Dessa forma, vejo nessa publicação uma função significativa: conclamar-nos a “apanharmos gritos de galos alheios” para que possamos “entretender” / entretecer nosso próprio canto. Num momento de crise como este que atravessamos – político-econômica, social, ética, entre outras dimensões –, saber que há outros galos / pesquisadores/ docentes, cúmplices no canto; mas também, que há outros galos, de cantos divergentes – o que é normal e salutar, afinal o dissenso faz parte da vida republicana e democrática –, e que precisamos lidar com tudo isso, respeitosa e amorosamente, “para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos”

Em decorrência de uma postura mais integradora, que busque o conhecimento de forma mais compreensiva, muitas são as subáreas, em diversos campos do saber, a inserir o radical grego eco- (do grego óikos, casa) como formativo de novas abordagens, que se debruçam, às vezes, sobre velhos problemas de estudo / pesquisa (ecolinguística, ecossociologia, ecofisiologia, entre outros). Isso, provavelmente, indicia que, após longo período de valorização de posturas (teórico-metodológicas) mais individualistas, no contexto atual a visão da relação íntima entre as partes e o todo correspondente é

algo a fazer parte da agenda de pesquisa e estudos, em especial na área das Ciências Humanas e Sociais.

Convidamos a cada leitor, portanto, que percorra os textos desta edição, de diferentes gêneros e matizes, que informam e formam, simultaneamente; que dialogue com os autores, por meio das palavras por eles urdidas em tramas, com eles concordando ou não; enfim, que dê vida aos diversos discursos e contradiscursos aqui emulados.

No primeiro artigo, “AGLOE: A Cidade Decorrente das Representações Espaciais Cartográficas”, os autores Gustavo Augusto Andrade de Oliveira, Pamela Pereira Pedra e Amanda Rodrigues Mapa tematizam a produção da espacialidade de uma cidade tomada na dimensão de fenômeno cartográfico. Ocorre que o foco da investigação é uma “cidade de papel”, ficcionalizada. Nesse momento, a discussão do romance “Cidades de Papel”, de John Green, vira aliada de pesquisas acerca da história de Agloe são combinadas. Nesse mix de vozes – geográficas, literárias, históricas, sociológicas, entre outras, (res)significa-se a cidade criada e se mostra como os mapas, que representam elementos geográficos planificados, no papel, fazem parte da vida cotidiana do cidadão contemporâneo.

De forma bastante instigante, o escritor francês Maurice Blanchot (2005), em “O livro por vir”, insinua uma forma de percepção da relação entre espacialização / ficcionalização / temporalização como algo típico do humano. Criar categorias para a abordagem num dos campos do saber, no caso em tela, a espacialização, advém da necessidade humana de narrar e narrar-se, de situar a si e ao outro, o ouvinte:

É verdade que a narrativa, em geral, relata um acontecimento excepcional que escapa às formas do tempo cotidiano e ao mundo da verdade habitual, talvez de toda verdade. Eis por que, com tanta insistência' ela rejeita tudo o que poderia aproximá-la da frivolidade de uma ficção (o romance, pelo contrário, que só diz o crível e o familiar, faz questão de passar por fictício). Platão, no Górgias, diz: "Escuta uma bela narrativa. Pensarás que é uma fábula, mas a meu ver é um relato. Dir-te-ei como uma verdade aquilo que te direi." Ora, o que ele conta é a história do Juízo Final. Entretanto, o caráter da narrativa não é percebido quando nele se vê o relato verdadeiro de um acontecimento excepcional, que ocorreu e que alguém tenta contar. A narrativa não é o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento, o acesso a esse acontecimento, o lugar aonde ele é chamado para acontecer, acontecimento ainda porvir e cujo poder de atração permite que a narrativa possa esperar, também ela, realizar-se. Essa é uma relação muito delicada, sem dúvida uma espécie de extravagância, mas é a lei secreta da narrativa. A narrativa é movimento em direção a um ponto, não apenas desconhecido, ignorado, estranho, mas tal que parece não haver, de antemão e fora desse movimento, nenhuma espécie de realidade, e tão imperioso que é só dele que a narrativa extrai sua atração, de modo que ela não pode nem mesmo" começar" antes de o haver alcançado; €, no entanto, é somente a narrativa e seu movimento imprevisível que fornecem o espaço onde o ponto se torna real, poderoso e atraente. (BLANCHOT, 2005, p.10)

Uma cidade planejada, ficcionalizada, pode instituir-se como forma de conhecer as relações sociais, antropológicas, culturais, de seus habitantes. Assim como a narrativa, o mapa é o retrato do real tomado por alguém que lá esteve antes e voltou para reportar a outros seus achados e desafios... assim é que Blanchot também afirma “Algo aconteceu, que alguém viveu e depois contou, do mesmo modo que Ulisses precisou viver o acontecimento e a ele sobreviver para se tornar Homero, que o narra.” (BLANCHOT, 2005, p.10).

A força do narrar(-se) como estratégia / instrumento de significação do mundo é o tema do artigo seguinte. Em “As muitas vozes em “A Rainha de Maio”: análise do fenômeno/estratégia da intertextualidade”, o graduando em Letras Emerson Cássio Maia Carvalho (PUC), sob a orientação da professora Jane Quintiliano Guimarães Silva, do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, mergulha no universo ficcional de Jan Santos, escritor amazonense. O objetivo dos autores é investigar o papel exercido pelo recurso à intertextualidade, estratégia que se revela fundamental para a constituição desta obra. Com as lentes voltadas para os mecanismos de intertextualidade *referência*, *alusão* e *paráfrase*, ancoram-se em importantes teóricos, como Costa Val, Beaugrand e Dressler, Maingueneau, entre outros. Buscam investigar como se dá a construção de algumas das cenas e subcenas enunciativas na obra e discutir a estreita relação com os discursos de outrem, tão importantes para a composição da narrativa.

No terceiro artigo, “Efeitos semânticos e discursivos de arranjos sintáticos: uma análise de manchetes jornalísticas”, os graduandos em Letras Ana Luisa Ribeiro Rodrigues de Sant’Ana e Matheus Federici Bismarque Martins nos apresentam o resultado de um trabalho investigativo que uniu o instrumental de análise de duas disciplinas do quinto período do curso de Letras. Partindo da hipótese de que haveria um padrão oracional na estrutura sintagmática de manchetes de jornais *on-line*, dedicaram-se à análise das escolhas lexicais desses jornais, avaliando criticamente a orientação ideológica que cada jornal assume. A partir da seleção de manchetes de jornais *on-line*, para compreender e explicar motivações para a estrutura sintagmática em manchetes do domínio jornalístico, os autores avaliaram se há algum tipo de estrutura formulaica subjacente à construção desse gênero ou se há fatores que impulsionam à variabilidade (como a informatividade, o público alvo, o contexto sociopolítico, etc.). Vale a pena ler e acompanhar o percurso dessa bem trilhada investigação, realizada por jovens pesquisadores em formação.

Com o quarto artigo, "Mediação pedagógica no ensino da leitura e da escrita caminhos para a autonomia discente", a pós-graduada em Ensino de Língua Portuguesa e professora da rede pública de São Paulo, Edilian Arrais, apresenta-nos sua pesquisa sobre alfabetização e letramento no ambiente escolar. Seu objetivo precípua é o de compreender, à luz da abordagem discursiva do letramento, em que medida o trabalho pedagógico, focado na interação professor-aluno, tem contribuído para desenvolver habilidades autônomas de leitura e escrita dos alunos da educação básica, que lhes permita, gradualmente, adquirir competências mais sofisticadas.

O desenvolvimento de determinadas habilidades é ponto de partida para que compreendam apropriadamente com textos de diferentes gêneros, reajam adequadamente a eles e, paulatinamente, se apropriem de estratégias de produção textual em que evidenciem posicionamentos mais autorais. Com aporte teórico robusto (Bakhtin e sua concepção de sujeito e linguagem; Bortoni-Ricardo e seu postulado de mediação pedagógica; Tfouni, Marcuschi, Street, Signorini, Soares e Kleiman, e a visão do letramento enquanto processo sócio histórico, bem como as contribuições de Petit, Chartier, Bourdieu e Freire), Arrais acaba por discutir, também, o papel da escola como instituição formadora privilegiada da cultura letrada.

Como quinto texto a compor esse volume, o Relato de Experiência do graduando em Letras Rosário Martins, de forma pungente – mas igualmente poética, nos apresenta a sua vivência de aprendizagem de Português como língua não nativa, isto é, como L2 ou língua estrangeira (PLE). De suas reminiscências do momento inicial de aprendizagem da leitura e da escrita, passando pelos momentos de conflito pela independência de seu país de origem, o Timor Leste, que, à época, encontrava-se colonizado pela Indonésia, discute aspectos como o olhar lançado sobre a diversidade linguística de seu país, a dificuldade de acesso a livros e outros materiais de estudos devido à guerra, o exílio no Brasil. O autor constata a importância de ter vindo para o Brasil, de ter aprendido nova língua-cultura, o português e, portanto, ter assimilado toda uma concepção cultural de estar no mundo; e, ainda, explicita o valor de estar se graduando especificamente em Letras. Seu relato apresentado por meio desse retorno sem roteiro a vãos da memória, nos mostra o valor da narrativa como a concebe Blanchot:

Pode haver uma narrativa pura? Toda narrativa, mesmo que apenas por discrição, procura dissimular-se na espessura romanesca. Proust é um dos mestres dessa dissimulação. Tudo acontece, para Proust, como se a

navegação imaginária da narrativa, que conduz outros escritores à irreabilidade de um espaço cintilante, se sobrepusesse ditosamente à navegação de sua vida real, aquela que o levou, através das ciladas do mundo e pelo trabalho do tempo destruidor, até o ponto fabuloso em que encontra o acontecimento que torna possível qualquer narrativa. Ainda mais, esse encontro, longe de o expor ao vazio do abismo, parece fornecer-lhe o único espaço em que o movimento de sua existência não apenas pode ser compreendido, mas restituído, realmente experimentado e realmente realizado. (BLANCHOT, 2005, p.14)

Verdade ou verossimilhança; pureza ou contaminação; tempo vivido ou tempo recordado? Somos instados a viajar “na irreabilidade cotidiana”, para, testando crenças e confrontando representações e abismos existenciais, (res)significarmos o cotidiano, as práticas a que nos dedicamos, os valores que, como cidadãos brasileiros de um contexto bem específico, somos levados a, continuamente (re)elaborar e a laborar...

Mencionando labor, é instigante a entrevista concedida pelo renomado linguista brasileiro Mario Alberto Perini, a Larissa Rodrigues, do Curso de Comunicação da PUC Minas, a que a autora denomina “Mario Perini: ato ou efeito de trabalhar”. A interlocução fluida entre ambos, diferente da entrevista tradicional, traz-nos revelações sobre o perfil, a bibliografia e a atuação desse importante linguista e educador brasileiro, cuja projeção se construiu a partir de relevantes trabalhos de pesquisa e ensino, em universidades brasileiras e estrangeiras.

Neste volume, portanto, perfilam-se contribuições de diversas áreas que se congregam no âmbito do ICH, com seus respectivos instrumentais de análise e abordagem de recortes da realidade. Que seja proveitosa a leitura e profícuo o diálogo com os textos!

Referências

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra**. São Paulo: Nova Fronteira, 1965.